



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - INGLÊS**

PAULO SÓSTENES SILVA NASCIMENTO

RECONFIGURAÇÕES INTERTEXTUAIS DO DUPLO NA NOVELA *O MÉDICO E O MONSTRO* E NA HQ *O ESTRANHO CASO DE BATMAN, JEKYLL & HYDE*

**GUARABIRA - PB
2017**

PAULO SÓSTENES SILVA NASCIMENTO

RECONFIGURAÇÕES INTERTEXTUAIS DO DUPLO NA NOVELA: *O MÉDICO E O MONSTRO* E NA HQ *O ESTRANHO CASO DE BATMAN JEKYLL & HYDE*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Campus III, Guarabira, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Ms. Auricélio Soares Fernandes

GUARABIRA - PB

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244r Nascimento, Paulo Sostenes Silva.
Reconfigurações intertextuais do duplo na novela O médico e o monstro e na HQ o Estranho caso de Batman, Jekyll & Hyde [manuscrito] : / Paulo Sostenes Silva Nascimento. - 2017.
44 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes. ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Batman. 2. O Médico e o Monstro. 3. História em Quadrinhos.

21. ed. CDD 028.5

PAULO SÓSTENES SILVA NASCIMENTO

RECONFIGURAÇÕES INTERTEXTUAIS DO DUPLO NA NOVELA O MÉDICO E O MONSTRO E NA HQ O ESTRANHO CASO DE BATMAN, JEKYLL AND HYDE E DUAS CARAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Campus III, Guarabira, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura Comparada

Orientador: Prof. Ms. Auricélio Soares Fernandes.

Aprovada em: 07/12/17

BANCA EXAMINADORA

Auricélio Soares Fernandes

Prof. Ms. Auricélio Soares Fernandes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/UEPB)

Antônio Flávio Ferreira de Oliveira

Prof. Ms. Antônio Flávio Ferreira de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB-UEPB)
(Examinador 1)

João Paulo da S. Fernandes

Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes
(Examinador 2)

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, primeiramente, ao meu Deus, por cada momento, seja bom ou ruim que enfrentamos juntos na realização deste trabalho de conclusão de curso, por Ele ser minha força e consolo aqui nesta vida, e *post mortem*. Também agradeço pelos tantos desafios encarados todos os dias, em que a mão Dele esteve sobre mim e me ensinou a ser verdadeiro, sincero, honesto, e a encarar a realidade como ela é, sem precisar usar os duplos, para fugir da realidade.

Além disso, quero expressar imensa gratidão, à minha companheira, irmã, amiga, amor, e cúmplice de todas as horas, Joice Pereira Belém; ofereço essa melodia em palavras a você, minha princesa; também à minha família, que me apoiou a fazer este curso; que me incentivou e me ajudou em cada momento difícil: levando-me, alimentando-me, aconselhando-me e amando-me mais do que mereço; vocês são meus tesouros e graças do céu.

Agradeço, também, ao meu orientador, o professor Auricélio Soares Fernandes, que me orientou, auxiliou, deu todo o apoio teórico e se dispôs a ajudar em qualquer momento, mais do que precisava e mais do que eu merecia: “você salvou nossas vidas e somos eternamente gratos”. Do mesmo modo, quero dedicar meus agradecimentos aos meus amigos e companheiros de aventuras da turma 2013.2: Gustavo de Paiva, Kennedy Waldir, Vitória Kaliane, Simone Lacerda, Jaquicilene Alves, Ivandra Alice, Jaeffison Furtado e, principalmente, ao meu professor, mesmo que distante, mas sempre foi meu inspirador e benfeitor, Olavo de Carvalho, e em termos de conhecimento em linguística e filosofia, Antônio Flávio.

O temor do Senhor é o princípio do conhecimento; os loucos desprezam a sabedoria e a instrução. Provérbios 1:7

Porque o que faço não o aprovo; pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço. E, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. De maneira que agora já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim. Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e com efeito o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem. Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço.

Romanos 7:15-19

RESUMO

A intertextualidade é um elemento presente em muitas obras contemporâneas que tentam resgatar obras literárias clássicas através de uma mídia nova. Este trabalho tem como objetivo analisar as relações intertextuais do duplo nos personagens: Dr. Jekyll e Mr. Hyde da novela de Robert Louis Stevenson, o médico e o monstro (1886), e em Batman e Duas Caras dos quadrinhos de Paul Jenkins e Jae Lee (2005) e comparando também a Londres gótica da novela, ou seja, do final do século XIX, com Gotham City da HQ através da análise semiótica. Esta análise se dá pela riqueza dos temas envolvidos como o avanço da ciência, o gótico urbano de Londres, o terror, e principalmente o duplo, um tema que invade a literatura e também as HQs. Neste trabalho utilizaremos para análise da literatura comparada e da intertextualidade Kristeva (2005) alguns conceitos do duplo teorizados por Rosset (1999), Lacan (2005); Stalloni (2001) para a teoria do gênero narrativo novela; Peirce (1975), (2008) para abordar a semiótica e Mccloud (1975) e Eisner (1989) que discutem sobre as narrativas dos quadrinhos. Para descrever sobre o gótico urbano no *fin del siecle* utilizaremos textos de Groom (2012) e Dryden (2003). Acreditamos que essa análise comparativa poderá demonstrar a importância do duplo na literatura e em uma mídia moderna estreitando as relações entre uma obra literária e uma HQ.

Palavras-Chave: Duplo. HQ. Batman. O Médico e o Monstro.

ABSTRACT

Intertextuality is an element present in many contemporary works that attempt to rescue classical literary works through new media. This work aims to analyze the intertextuality relations of the double in the characters: Dr. Jekyll and Mr. Hyde of the novel of Robert Louis Stevenson, *Jekyll and Hyde* (1886), and in Batman and Two Faces of the comics of Paul Jenkins and Jae Lee (2005) and comparing the gothic London from the novel, that is, the late nineteenth century, with Gotham City of the HQ, through semiotic analysis. This analysis is due to the richness of the themes involved, for example: the advance of science, urban gothic London, terror, and especially the double, a theme that invades literature and, also, the comics. In this work we will use some concepts of the double theorized by Rosset (1999), Lacan (2005), for comparative literature and the intertextuality analysis Kristeva (2005); Stalloni (2001) for the theory of the novel narrative genre; Peirce (1975), (2008) to discuss semiotics and Mccloud (1975) and Eisner (1989) who discuss comic book narratives. To describe the urban Gothic at the end of the siècle we will use texts by Groom (2012) and Dryden (2003). We believe that this comparative analysis can demonstrate the importance of the double in the literature and in a modern media, narrowing the relations between a literary work and a comic book.

Keywords: Double. HQ. Batman. Jekyll and Hyde.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	10
2	LITERATURA COMPARADA: APONTAMENTOS INICIAIS	13
3	O DUPLO: CONSIDERAÇÕES E CONCEITUAÇÕES	15
4	O DUPLO NA ÓTICA INTERTEXTUAL EM <i>O MÉDICO E O MONSTRO</i> E EM O ESTRANHO CASO DE <i>BATMAN, JEKYLL & HYDE</i>	19
5	ENTRE A HQ E A NOVELA	33
6	CONCLUSÃO	41
	REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

Entre deuses e monstros, bem e mal, luz e trevas, podemos perceber uma dualidade presente em toda a sociedade e, principalmente, em filmes, TV, livros, revistas, jornais, e histórias em quadrinhos (HQs). Por toda parte, estamos cercados de notícias como: a luta entre o bem e o mal, justiça e injustiça, paz e guerra, opressor e oprimido, os fracos e os fortes, esse duplo¹ que ultrapassa milênios expõe para a humanidade dois caminhos: o bem e o mal. As HQs trazem personagens que muitas vezes são heróis e representam, de forma simbólica o bem; e vilões que são a expressão do mal, demonstrando por estes personagens o duplo que existe dentro do ser humano.

Em 1886, no fim da era vitoriana, temos então a publicação de um clássico da literatura gótica mundial: *O estranho caso de Dr. Jekyll and Mr. Hyde*², traduzido no Brasil como *O Médico e o Monstro* de Robert Louis Stevenson. Abordando a dualidade entre o bem e o mal do ser humano, nessa novela, observamos Jekyll, como o bem, representado por um médico que empenha-se em seu trabalho e em sua reputação, porém insatisfeito ao conhecer essa parede do duplo que divide o ser humano, decide sucumbir sua outra identidade, Mr. Hyde, o mal, que, até então, estava reprimido e é libertado através de uma fórmula química. Esta personalidade que reprimida necessita ser liberta, poderá representar: a brutalidade, o animal, a fera aprisionada, a identidade amoral, as concupiscências, o ID para Freud (1996)³.

E em 2005, temos a publicação da HQ *O estranho caso de Batman Jekyll & Hyde, No 1*. Nesta HQ, temos o famoso herói Batman que investiga junto com a polícia um assassinato cometido por um pai de família inofensivo. Com as investigações é descoberto que os assassinatos estão relacionados a uma droga que libera a personalidade reprimida do ser humano, transformando um pai de família em um assassino. Ainda mais, essa droga poderá ter alguma relação com um dos vilões do Batman, Duas Caras, que divide sua personalidade, com seu outro EU Harvey Dent. As relações do duplo entre esses dois personagens são vistas ao vermos que

¹ O duplo ou, “aquele que caminha ao lado,” o outro, o segundo eu. (BRAVO, 1998, p.261).

² Traduzido para o Brasil em 1938 pelo jornalista A. Victor Machado como o médico e o monstro, originalmente do Inglês: *The Strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde: O Estranho Caso do Doutor Jekyll e Mister Hyde*. (JULIA, 2015)

³ ID faz parte da teoria da psicanálise descrita por Freud como uma das três estruturas da psique humana, sendo este ID, as pulsões, o instinto, o princípio do prazer que exige imediata satisfação.

Batman é o disfarce e o *alterego*,⁴ de Bruce Wayne, um milionário reconhecido na cidade; e Duas Caras, que era um pai de família e agora divide uma personalidade dupla, relacionado assim ambos aos personagens: Dr. Jekyll e Mr. Hyde, pelo duplo e suas identidades opostas.

Essa pesquisa tem majoritariamente cunho bibliográfico e visual, que apresentará o duplo em um contexto histórico e como ele subsiste na literatura e no quadrinho, analisado, através da Literatura Comparada e da Intertextualidade. O objetivo deste trabalho é analisar as relações intertextuais do duplo nos personagens: Dr. Jekyll e Mr. Hyde da novela de Robert Louis Stevenson, *O Médico e o Monstro* (1886) ao qual utilizaremos a versão de (2015), e em Batman e Duas Caras dos quadrinhos de Paul Jenkins e Jae Lee (2005) No 1, assim como as relações intertextuais de Londres gótica da novela, ou seja, do final do século XIX, com Gotham City da HQ através da análise semiótica.

Os motivos que levaram a realização deste trabalho se deram pela riqueza do duplo na obra literária *o Médico e o Monstro* e depois pela identificação das relações de intertextualidade do duplo dos personagens da HQ com a obra literária. Ademais, o duplo intriga várias culturas ao redor do planeta, percebemos, claramente, essa dualidade, através da obra *O Médico e o Monstro*, e com essa análise pretendemos ampliar discussões e pesquisas que abordem o diálogo entre histórias em quadrinhos, literatura e outras mídias.

No tópico 2, discutiremos acerca da literatura comparada, uma vez que nosso trabalho se dará a partir das considerações de Carvalhal (2006), Nitrini (2000); que discutem abordagem comparatistas e sobre a HQ analisada de Jenkins e Lee(2005). No tópico 3, analisaremos o conceito de duplo, suas considerações e conceituações, pelas perspectivas literárias de França (2009), Leite (2007), Rosset (1999); as perspectivas mitológicas por Bravo (1997), Morim (1979); e psicológicas através de Freud (1996) e Lacan (2005). No tópico, 4, iniciaremos a análise abordando o duplo e a ótica intertextual na HQ *O estranho caso de Batman Jekyll e Hyde*, pelos conceitos de intertextualidade de Kristeva (2005); e intertextualidade explícita por Perez (2017); como as imagens da HQ trabalham com essa intertextualidade visual dentro da HQ por Mccloud (1975), e Eisner (1989) e por último as características de um romance novela por

⁴ Alterego segundo o *Cambridge Dictionary* é a parte da personalidade de alguém que não é usualmente vista pelas outras pessoas (tradução nossa).

Stalloni (2001) apud Morino (2011). Então no tópico 5 analisaremos de forma comparativa as relações intertextuais e semióticas entre a HQ e a novela.

2 LITERATURA COMPARADA: APONTAMENTOS INICIAIS

A literatura comparada dentro da Teoria Literária tem como estudo a comparação dos mais diversos textos e suas relações sociais, culturais e históricas. Para isso, devemos entender, de forma clara, que o estudo da literatura comparada não se baseia apenas nas semelhanças entre um texto e outro, mas também em temas, símbolos e manifestações.

De acordo com Carvalho (2006):

[...] o estudo comparativo de literatura deixa de resumir-se em paralelismos binários movidos somente por “um ar de parecença” entre os elementos, mas compara com a finalidade de interpretar questões mais gerais das quais as obras ou procedimentos literários são manifestações concretas. Daí a necessidade de articular a investigação comparatista com o social, o político, o cultural, em suma, com a História num sentido abrangente (p.56).

Desta forma, as relações entre “o que foi escrito e as intenções e inspirações” (NITRINI, 2000, p.33) do autor ou dos autores são interligadas em processos de diálogos intertextuais, que demonstram uma conexão entre texto e o meio social e entre outros autores com a mesma temática. Este aspecto social permite que seja realizado, assim, um estudo, através de “intermediários que facilitam a transmissão das influências, tais como indivíduos, meios sociais (cenáculos e salões literários), críticas (jornais e revistas), traduções e tradutores” (NITRINI, 2000, p.33). Assim, a literatura comparada poderá buscar um paralelo entre um texto e a sua evolução nos diferentes contextos de produção cultural.

Hoje, os estudos que abarcam a literatura comparada, além de utilizar relações de diálogos de diferentes obras literárias, incluem também discussões, inserções de outras mídias e artes sequenciais como HQs, possibilitando análises comparatistas entre os quadrinhos e uma obra literária, como nós faremos neste trabalho. A novela “*O Médico e o Monstro*” faz um paralelo não apenas com o volume número um da HQ analisada, mas também com os seis volumes da série de HQs *Batman, Jekyll e Hyde*. Assim, a literatura comparada permite-nos estabelecer uma ponte além da obra original e relaciona outros gêneros da literatura que não estão “inseridos” para, dessa forma, ter uma análise profunda e crítica da literatura.

Conforme Carvalho (2006):

A crítica literária, por exemplo, quando analisa uma obra, muitas vezes é levada a estabelecer confrontos com outras obras de outros autores, para elucidar e para fundamentar juízos de valor. Compara, então, não apenas com o objetivo de concluir sobre a natureza dos elementos confrontados mas, principalmente, para saber se são iguais ou diferentes (2006, p.07-08).

Os quadrinhos, que aqui analisaremos para estabelecer esses confrontos, para saber se são até mesmo iguais ou diferentes das obras literárias, representam uma linguagem visual e textual, sua estrutura de textos, diálogos, expressões e, principalmente, a arte visual é permeada de símbolos semióticos⁵ que diferem dos signos literários, como acontece no *Médico e o Monstro*, a novela que é o foco de nossa análise. Compreendendo melhor esse vasto campo de pesquisa da literatura e dos quadrinhos, esse estudo será realizado levando em consideração aspectos culturais e históricos que envolveram este clássico da literatura, *o Médico e o Monstro*, e como ele se apresenta nos quadrinhos.

⁵ Semiótica: Charles S. Peirce (1839-1914) desenvolveu uma teoria que tem como estudo as representações gerais levando em conta todos os signos em suas manifestações, expressões e formas. Esta área de estudo permite também uma análise através de símbolos, figuras, desenhos, HQs, animações, livros, filmes, séries, animes, propagandas, e muitos outros objetos de pesquisa que permitem relacionar, referenciar, intercalar e comparar com outros objetos de análise.

3 O DUPLO: CONSIDERAÇÕES E CONCEITUAÇÕES

A palavra duplo, matematicamente, define o conceito de dois: duas formas, dois objetos, que poderão ser iguais ou opostos entre si; esse número traz outros sinônimos correspondentes como: dualidade, duplicidade, dobrado, duplicado, ambíguo. Quando esse conceito torna-se um paradoxo em que um se opõem ao outro, o que acontece é o seguinte: para um dos dois existir, o outro necessita esvair. Portanto:

De modo bastante genérico, pode-se entender o duplo como qualquer modo de desdobramento do ser. Embora mantenha com o indivíduo gerador algum grau de identificação, o duplo, ao dele se destacar, desenvolve uma existência mais o menos autônoma. Apesar de ser uma extensão do sujeito, mesmo quando com ele se identifica positiva e plenamente, o duplo não abandona sua condição de simulacro, de mera sombra, uma vez que não tem valor em si mesmo (FRANÇA, 2009 p. 07-08).

Assim, observando o duplo como uma mera sombra, o entendemos como um tipo de compartilhamento, uma unificação com o indivíduo e, mesmo que tenha necessidades de autonomia, nada mais será que uma extensão, um prolongamento atrelado ao sujeito. Mesmo assim, de alguma forma, esse outro duplicado possui características do ser real como um reflexo, um espelho, como “duas almas, duas metades da mesma laranja” (LEITE, 2007, p. 186).

As expressões ideológicas e míticas dos deuses gregos e suas características imortais não só representavam as imaginações humanas como lhe conferiam duplos realizados através de contos e histórias heroicas que imortalizavam os sentimentos antropológicos. O duplo, assim, prolonga a vida do homem, confere-lhe a imortalidade através dos deuses que vivem outra vida e, da mesma forma, almejam andar entre os homens. “Através do mito do duplo, vemos que o homem aos poucos se arroga a prerrogativa dos deuses, de se transformar passando por diversos fatores e de renascer” (BRAVO, 1997, p.267). Também podemos observar ainda que:

O aparecimento do duplo pode estar relacionado com o despertar da autoconsciência do sujeito. O desdobramento tem em assim, muitas vezes um benéfico poder revelador para o indivíduo que reconhece e identifica na semelhança do duplo, aspectos até então desconhecidos de seu próprio caráter. Outras vezes, porém, o processo revela um mal, uma doença ou mesmo a finitude da existência humana, suscitando dessa forma o horror (FRANÇA, 2009, p. 8).

Ao se deparar com a morte, o sentimento de horror sucumbe ao ser humano que se vê em um ciclo finito capaz de acabar a qualquer momento. Neste contexto, surge o duplo representando uma pausa, uma brevidade, um momento em que a personalidade oculta enclausurada pela personalidade exterior aflora e invade a natureza do homem, transgredindo seus caminhos e provocando uma luta existencial eterna. De acordo com MORIN (1979) o mito do duplo vem acompanhando os primórdios do homem no momento exato em que ele obtém uma certa consciência da sua mortalidade. Nesta percepção, esta mortalidade humana servirá como mecanismo para a formação do duplo.

Na literatura, um dos primeiros registros do duplo que podemos observar se encontra nas comédias de Plauto⁶, quando o duplo representava uma outra pessoa, um sósia, uma alma gêmea, um substituto que desejava tomar o lugar do outro, através da imitação das ações ou características do outro, podendo, até mesmo, confundir pela semelhança de ambos. Esta teoria perdurou até o século XVI e, ao final desse período, o duplo iniciou sua caracterização do ser humano partido em dois, dividindo a natureza humana. Em 1796, Jean Paul Richter, escritor romântico alemão, desenvolve em uma das suas obras a ideia proveniente das lendas germânicas o *doppelgänger*.⁷

No século XIX, “o mito do duplo na literatura atingiu seu apogeu” (FRANÇA, 2009, p. 49-50). Nesse período, grandes obras sobre o duplo foram escritas como: “Willian Wilson”, de Edgar Allan Poe, “O Retrato de Dorian Gray”, de Oscar Wilde, “O médico e o monstro”, de Robert Louis Stevenson e, até mesmo, “Frankenstein”, de Mary Shelley, que representa o duplo do criador do monstro e o duplo da natureza humana morta. Assim, o duplo foi expandindo seu conceito de heterogêneo para “homogêneo, que vai do século XIX até o século XX” (BRAVO, 1997, p.254). O homogêneo constitui o duplo dentro do ser, da sua natureza como algo mesclado a si, indivisível, arraigado de uma maneira que se utiliza da personalidade do outro e constantemente se opõe como um dos maiores antagonismos da personagem.

Este duplo, estranho, outro, remete, principalmente, a uma personalidade interior, uma camada oculta da personalidade denominada, por Freud (1996), como ID. Esta camada da personalidade reserva anseios profundos que não poderiam ser satisfeitos pela personalidade

⁶ Plauto aproximadamente (254 aC-184 a.C) foi um dramaturgo romano que introduziu os sócias ou gêmeos no teatro, abordando assim as questões do duplo em tempos remotos.

⁷ O termo *doppelgänger* vem das lendas germânicas, originalmente criado por Jean Paul Richter em 1796 é o duplo que segundo Bravo (1998) significa “aquele que caminha ao lado” sendo um sósia, um gêmeo, um “outro”, uma cópia idêntica de alguma pessoa.

exposta, a real e apresentável. Portanto, este outro interno, luta pelo controle das atitudes e formas da identidade exposta socialmente, porém a liberação deste ser traria um caos e a perda do controle total do equilíbrio da dualidade antropológica, pois ele, em sua essência, é bestial, hostil, animal e primitivo para a sociedade.

O resultado deste paradoxo resume-se, segundo Rosset (1998), em aceitar o duplo, enxergando-o de forma positiva e utilizando-o como uma fuga da realidade e da morte ou negá-lo, reprimi-lo como cópia disforme da personalidade “original”, que está vivendo dentro do outro. Outra característica peculiar desta dualidade é a transposição. Esta projeção dos processos psicológicos internos de um ser para outro resultaria no seu duplo. Ele seria a representação de sonhos, desejos, imagens, ideias, vontades, que não foram realizados e não poderão ser vistos porque estes anseios não condizem com a identidade real apresentada para o meio social. Assim as relações de duplicidade tornam-se contrárias mas também familiares e projetadas.

A sombra, a cópia, o mal evidenciam o que, realmente, foi desdobrado da essência interior. Mesmo que haja uma tentativa de separar o duplo pela individualidade de uma das partes, torna-se impossível, pois ambas estão ligadas e isso resultaria na morte. Para Morin (1979):

Assim, a irrupção da morte, no sapiens, é, ao mesmo tempo, a irrupção de uma verdade e de uma ilusão, a irrupção de uma elucidação e do mito, a irrupção de uma ansiedade e de uma segurança, a irrupção de um conhecimento objetivo e de uma nova subjetividade e, principalmente, de sua ligação **ambígua** (p.104, grifo nosso)

Esta ligação ambígua também possui outro método peculiar e simbólico que demonstra outra intenção além de meramente se opor ao outro e ao medo da morte: a regressão ao estado original do nascimento ou a um retardamento da velhice. Desta forma, o duplo e a cópia, poderão, por vezes, representar uma natureza mais jovial, viva, disposta, animada⁸, mais espontânea do que a original para que a fuga da velhice, que é a fuga da morte, torne-se mais demorada, assim esse duplo guarda em si um sistema vívido da outra metade.

Outra forma de distinguir o duplo seria ao observarmos um espelho. Esse objeto sempre despertou o imaginário da civilização, algumas vezes representado pelo reflexo na água como o

⁸ No filme o Duplo, esta representação é vista através do personagem Simon interpretado por Jesse Eisenberg. Um rapaz tímido, pacato, solitário e ignorado. Então de repente sua vida muda drasticamente com a chegada de um novo colega no trabalho, que é idêntico a ele, porém mais vivo, expressivo, simpático, comunicativo e amado por todos.

mito de Narciso⁹. Ao olhar para o espelho, vemos a mesma pessoa, os mesmos reflexos, mesma altura, mesmos movimentos que diferem em apenas um detalhe: todos são contrários, opostos aos sentidos, por exemplo, de esquerda ou direita; se tocamos o olho esquerdo, o reflexo no espelho tocará o direito reproduzindo nossas ações de forma oposta.

Outro detalhe interessante está ligado às dimensões que ocupamos e à dimensão do espelho; diante do espelho possuímos largura, altura, profundidade, já a imagem refletida, como o próprio nome diz, é apenas uma imagem, uma espécie de cópia impressa que reflete parcialmente a totalidade que compõe a pessoa, definindo este duplo como uma ilusão. “A estrutura fundamental da ilusão não é outra coisa senão a estrutura paradoxal do duplo” (ROSSET, 1998, p.21).

Dessa forma, “se o que é visto no espelho é angustiante, é por não ser passível de ser proposto ao reconhecimento do grande Outro” (LACAN, 2005, p.134 apud LEITE, 2009, p.192-193). Em última estância, além da imagem, da familiaridade, das realizações pessoais e em outro e a fuga da morte, o duplo será também o estranho.

Freud (1969) em seu livro *O Estranho*, traz um conceito que define este desdobramento incomum, o termo alemão *unheimlich*, para o psicanalista é definido como “tudo que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio a luz” (1969b, p. 281). Este estranho, insólito, incomum, causa-nos um desconforto. Uma cópia, um duplo nos coloca rapidamente em conflitos porque causa estranheza, além da intimidação e a sensação de dualidade que remete a substituição entre, quem é verdadeiro e quem é o original¹⁰

⁹ Narciso é um personagem que após uma maldição de uma deusa ele apaixona-se pelo seu reflexo na água e joga-se ao rio, morrendo contemplando sua beleza.

¹⁰ Este conflito pode ser observado em desenhos, filmes, séries, onde o surgimento do duplo coloca em dúvida a originalidade do “EU” causando estranheza, pavor, repúdio, não aceitação e em muitos casos o Horror, o que é interessante porque o outro, a cópia, nada mais é do que o reflexo da imagem original.

4 O DUPLO NA ÓTICA INTERTEXTUAL EM *O MÉDICO E O MONSTRO* E EM *O ESTRANHO CASO DE BATMAN, JEKYLL & HYDE*

Primeiramente, precisamos compreender que o espaço que se passa a narrativa da HQ é uma espécie de encarnação do contexto social e político da Londres no final do século XIX, e que também serviu de cenário para o personagem Jekyll e Mr. Hyde. Em uma relação intertextual do duplo, Gotham City representa a cidade obscura de Londres de uma forma moderna; a vida dupla de pessoas da alta classe burguesa; os assassinatos e principalmente a vida decadente da sociedade. Esses e outros aspectos formam um paralelo entre a novela de Robert Louis Stevenson. A edição desta novela de Stevenson analisada aqui tem como título: *O médico e o Monstro ou o Estranho Caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, uma tradução de Ana Julia Perrotti-Garcia, 1ª edição do ano (2015) e os quadrinhos de Jenkins e Lee (2005) para nossos objetos de estudo.

Para iniciarmos, precisamos elucidar o conceito de que os quadrinhos utilizam-se de várias referências literárias, frases, ditados populares de algo que já foi dito, fazendo assim uma relação de um texto a outro, ou seja uma intertextualidade, nas HQs percebemos que esta revela para nós uma relação interior e exterior ao retomar uma obra literária demonstrando que “todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla” (KRISTEVA, 2005, p.64).

No momento em que há uma referência a uma obra literária em uma HQ, o leitor desperta a curiosidade e buscará conhecer aquela obra, sendo assim, a intertextualidade é uma ponte que interliga um gênero a outro, uma cultura à outra e, até mesmo, uma época à outra. Na cultura de massa, a intertextualidade se faz presente na TV, em filmes, novelas, séries e propagandas, estabelecendo uma teia multicultural. Nas palavras de Kristeva (2005) temos algo que corrobora para essa discussão:

Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade, e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla (...) a palavra literária não é um ponto (um sentido fixo), mas um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de diversas escrituras: do escritor, do destinatário (ou da personagem), do contexto cultural atual ou anterior. (KRISTEVA, 2005, p.68).

Entendendo que, cada escrita renova-se e constrói-se como mosaicos como aponta Kristeva (2005), o texto assume não uma posição fixa centralizada e única, mas dupla, tripla e infinita, ramificando e referenciando outros textos que servirão de texto fonte. Uma intertextualidade poderá ser explícita e implícita. A utilizada para a análise será a explícita que, apresentará as citações, nomes, traduções, o que ocorre em anúncios publicitários (PEREZ, 2017). Logo abaixo, podemos observar a intertextualidade explícita:

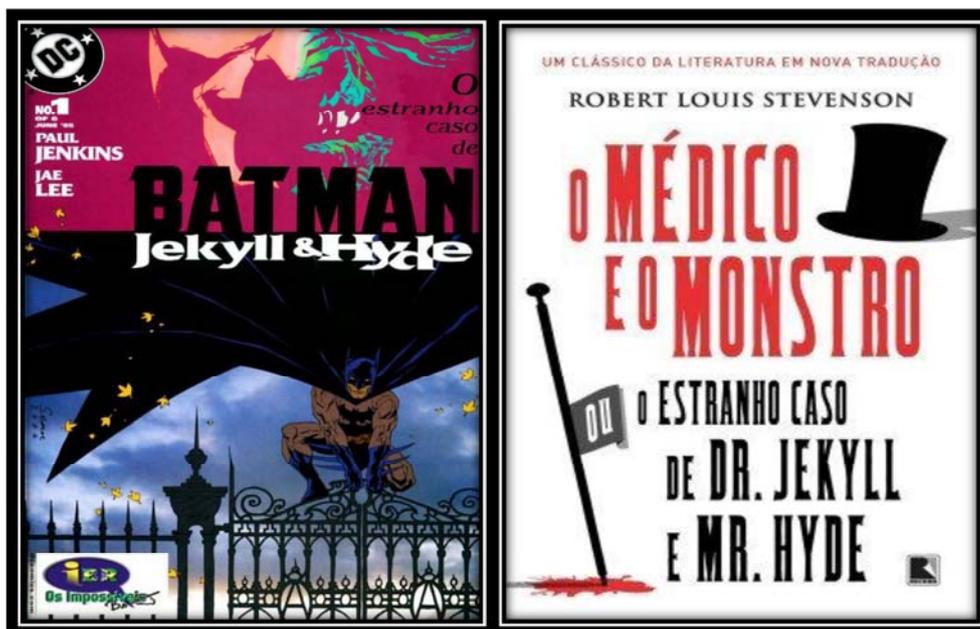


Figura 1: Do lado direito: O volume No 1 da HQ de Paul Jenkins e Jae Lee (2005) do lado esquerdo: O Médico e o Monstro, traduzido por Julia Perrot Garcia 1ª edição (2015), (Fonte: Captura de Tela)

Acima do lado direito, temos o volume No 1 dos quadrinhos de JENKINS e LEE (2005), da editora Os Impossíveis. Nela percebemos, explicitamente, a referência através do nome “O estranho Caso de Batman Jekyll e Hyde” que utiliza da intertextualidade para parodiar o nome da obra literária, que se encontra na figura do lado esquerdo, que é *O médico e o Monstro* ou o *Estranho Caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, tradução de Ana Julia Perrotti-Garcia, 1ª edição, pela editora Record do ano (2015). Observamos também uma intertextualidade na HQ que, na parte de cima onde o personagem Duas Caras (*Two Faces*) se encontra, é um tom avermelhado e, embaixo a prevalência do preto; na obra ao lado, vemos as letras, de cima, vermelhas e, as de baixo, pretas.

Os quadrinhos, com seus moldes narrativos, utilizando balões, expressões idiomáticas e interjeições, possuem sua própria linguagem semiótica como construção do discurso. Esta arte

sequencial deve ser lida através de textos (palavras) e imagens, que formam uma sequência, uma espécie de cadeia de fatos que estão todos conectados.

Uma noção básica dos quadrinhos é que as imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada são destinadas a transmitir informação e/ou a produzir uma resposta do espectador” (McCLOUD, 1975, p. 9). Essa arte de imagens justapostas possui quadrados que mantém as imagens da HQ e eles são uma espécie de marcador temporal na narrativa, em um quadro podemos ter por exemplo um bebê, no outro este bebê torna-se um adolescente, e por último, um quadro de sua fase adulta.

Já no texto literário narrativo nossos olhos seguem as palavras e esperamos pelo clímax, o desfecho que sucederá após o conflito, na HQ nossos olhos acompanham palavras e figuras que agem como uma narração temporal e atrai o leitor para o clímax, ou conflito que terá também um desfecho. Porém, além das características da forma que expressam as diversas emoções humanas também temos as cores, expressões linguísticas e gestos que compõem a estrutura narrativa dos quadrinhos. Em termos físicos, esta arte sequencial é expresso, de forma compacta, com material de baixo custo, reproduzido em massa, que utiliza-se de linguagem verbal e não-verbal e trata dos mais diversificados temas (EISNER, 2001).

Observamos também nos quadrinhos estruturas semelhantes a obras literárias como: narrativas ficcionais, personagens, espaço/tempo, ambiente, narrador, diferentes focos narrativos. Abaixo listamos algumas características dos quadrinhos que se assemelham às narrativas textuais que compõem obras literárias:

- As letras, especialmente a forma como são escritas, comunicam o leitor ao gênero do texto: terror, ficção, aventura, romance... tendo dois aspectos, o visual e o grafológico;
- Os quadros da HQ compõem a estrutura dos balões e do texto e exercem a mesma função da forma textual de algo escrito, como as bordas de um texto onde tudo está contido nele;
- Os balões não são apenas frases ou expressões estruturadas, mas também como parágrafos que se comunicam e interligam-se e conduzem o leitor ao final da página;
- As imagens da HQ são como as palavras de um livro e exercem o complemento verbal da linguagem representando como se fossem o texto de uma obra literária;

elas também dão o tom de movimento, comunicação, expressão e interação com o leitor através de atitudes, ideias, dizeres, gestos, formas, emoções, etc...Que transmitem ao leitor a sensação literária de participar da narrativa, da mesma forma que um livro (EISNER, 2005).

Através desses e outros apontamentos, percebemos que as HQs têm uma espécie de fundamentação na literatura e que tentam, de maneira visual, com toques textuais, exercer a função comunicacional de uma obra literária. Através desta comparação podemos adentrar no universo do *Médico e o Monstro*, partindo das HQs para o gênero literário novela, que em sua origem, a palavra novela tem sua raiz na língua francesa nouvelle, que vem do verbo *nouvellar*, o qual pode significar, tanto mudar quanto contar (STALLONI, 2001).

As características relacionadas a esse gênero poderão ser o fato de a novela possuir uma narrativa curta, uma simplicidade de organização estrutural no qual o narrador conduz aquele que lê, do início ao fim; além de uma quantidade menor de personagens, uma visão fiel do universo que a cerca e conflitos que são solucionados de forma inesperada, chocante, humorizada. (STALLONI, 2001).

O gênero novela, inicia buscando através do título, uma espécie de temática, despertando uma curiosidade no leitor, podendo desenvolver-se nos parágrafos iniciais. Podemos observar parágrafos longos nessa obra de STEVENSON (2015) que é característica novelesca. A novela também traz uma comunicação e identificação com o leitor, principalmente a tratando de temáticas cotidianas, provocando determinados efeitos emocionais. O final torna-se algo de extrema importância, podendo ser impactante ou humorístico, despertando a criatividade da estrutura narrativa e a atenção do leitor, exatamente como vemos no *Médico e no Monstro*. Para que possamos ter uma ideia mais clara e identificarmos o gênero novela, recorreremos a Yves Stalloni (2001) que define o gênero novela a partir dos seguintes elementos narrativos:

- Narrativa curta.
 - Unidade de ação (único acontecimento de resolução rápida), de tempo e de lugar. Tem-se um fragmento da vida e não a história de toda uma vida.
 - Simplicidade de organização estrutural (único narrador que conduz o leitor de uma ponta a outra).
 - Poucos personagens, já inseridos na aventura.
 - Visão de mundo apresentada como fiel.
 - Intensidade na sua formulação e conteúdo.
- Estrutura aberta: pode-se acrescentar um episódio, fazer intervir outro personagem.
- Supressão dos movimentos de aproximação. Dos preparativos, chegando mais depressa até a crise e o desenlace.

- Resolução do conflito por meio de um fim inesperado, anedótico, chocante (apud MORINO, 2011, p.7).

Todos esses fatores podemos observar na novela, principalmente na visão do mundo como fiel, esse detalhe é observado através do espaço é a cidade de Londres e funciona como cenário para o desenrolar dos acontecimentos e fenômenos da narrativa: “Foi em uma dessas ocasiões que acabaram caminhando por uma ruela em um trecho movimentado de Londres” (STEVENSON, 2015, p.20), no trecho “[...] Dissemos ao homem que poderíamos e faríamos tamanho escândalo que seu nome ficaria manchado de um extremo ao outro de Londres. (STEVENSON, 2015, p.26)” e também nesse “[...] o próprio Utterson costumava se referir ao local como a sala mais agradável de Londres” (STEVENSON, 2015, p.56).

Esta escolha singular desta cidade no final do século XIX traz para o leitor as “convenções sociais ou literárias” deste período, permitindo a “classificação e compressão” desta época na novela (CHARTIER, 1996, p.95-96) e Londres era um espaço singular, sombrio e que guarda traços do período vitoriano que foram acabando dando origem ao Gótico e ao *Fin del siècle*¹¹ (GROOM, 2012). Assim a civilização ainda guardava um certo ar vitoriano, a valorização pelas classes altas e de figuras que as representavam, pois financiavam e garantiam o progresso urbano, e o nascimento da imagem do homem civilizacional, educado, controlador de suas emoções e impulsos, e extremamente racional, menos animal, seria um ser evoluído segundo a teoria da evolução de Charles Darwin ou seja, o ser humano não era mais primitivo (DRYDEN, 2003).

Porém, o que rompe com esses processos são problemas como: o desemprego, as baixas condições nas fábricas de Londres e, principalmente a, criminalidade e marginalidade como um espanto sem medida na novela, principalmente quando afeta alguém de uma classe alta, como acontece na novela “Quase um ano depois, no mês de Outubro 18 -, Londres foi surpreendida por um crime de singular brutalidade, e o caso se tornou ainda mais notável pela importância” (STEVENSON, 2015, p.68).

¹¹ Fin del siècle ou Fim do Século XIX, foi um período da história que rompeu com a era vitoriana, adentrando nas revoluções sociais, políticas e culturais, nos avanços da ciência e no terror de um futuro incerto, no mal, no obscuro e sombrio cenário propício para o movimento Gótico (DRYDEN, 2003).

Já na HQ de JENKINS e LEE (2005) para que possamos entender o contexto em termos de espaço em que a está inserida, ou seja, a própria Gotham City, devemos nos remeter a Londres, especificamente essa mesma Londres retratada no *Médico e o Monstro*, na literatura inglesa do fim do século XIX (DRYDEN, 2003). Inicialmente percebemos uma semelhança no ambiente da HQ nos aspectos góticos que existem nos quadrinhos do Batman e na novela têm uma ligação intrínseca com a visão da Londres sombria do final da era Vitoriana, época essa cuja representação do luxo, a nobreza e riqueza e do naturalismo levou o ser humano à contemplação da natureza e do antropocentrismo, havendo principalmente uma espécie de “interiorização do sobrenatural” (CALVINO, 2004, p.14).

Com o avanço da ciência, que tinha planos futuros para uma nova geração, o homem buscou cada vez mais se desvincular do conceito teísta e adotava cada vez mais a ideia do princípio de comprovação científica para se provar algo como verossímil. O naturalismo que centrava o universo dentro do homem e a vida pacata dos campos, dos bosques, a poesia lírica e harmoniosa, era substituída pelo êxodo rural que despertava na população o desejo de ocupar os espaços de Londres; lá haviam melhores oportunidades de emprego e uma vida melhor, tanto economicamente quanto socialmente.

O *fin de siècle* XIX veio com inovações científicas, literárias, modernas que permeava a imaginação popular sobre o futuro (DRYDEN, 2003). Assim com a revolução industrial, e esse êxodo rural, o anseio pela vida urbana e pelo progresso populacional e científico, fez as ruas de Londres encheram-se de pessoas e de fábricas que precisavam de mão de obra. Mesmo assim, o crescente desemprego devido a substituição de empregados por máquinas que realizavam o trabalho melhor, as condições precárias das favelas de Londres, a pobreza, criminalidade, doenças, eram o outro lado de uma vida urbana. O medo pairava sobre as classes baixas e altas, e portanto, esta esfera de terror era o palco para o erguer da literatura gótica (DRYDEN, 2003).

Londres como cidade gótica estava envolta em mistérios, principalmente em sua literatura que revelava o pavor do futuro, devido ao medo dos avanços científicos, as lendas urbanas e a crescente criminalidade por causa do aumento estrondoso da população e as condições precárias da época; fora o aspecto sombrio e fantasmagórico que a cidade carregava em suas edificações misteriosas, e em seus segredos envoltos neste gótico urbano. Esta cidade guardava uma peculiaridade no que se refere aos indivíduos e esse “duplo” interior. E assim chegamos em

pessoas que a fim de libertar seus “duplos”, homens como o doutor Henry Jekyll dividia sua alma possuíam duas vidas (DRYDEN, 2003).

Um era o médico, bem feitor, rico, cheio de bondade que recebia olhares de admiração, o outro era um sádico, assassino que perambulava pelas ruas de Londres, acobertado pela sua identidade de médico. Este contraste era uma forma de libertar este “animal” interior e irracional longe dos olhares da sociedade. Como uma máscara, um disfarce, um personagem, uma pintura (Dorian Gray) que permitia uma liberdade total do sujeito (DRYDEN, 2003).

Esses duplos contrastavam de um certo modo os avanços da ciência que demonstrava não haver mais espaço para a irracionalidade, ou bestialidade humana; um regresso ao ser animal descrito por Darwin seria inadmissível para o homem evoluído, moderno londrino. E ainda mais, as descobertas científicas revelavam que tudo teria uma explicação lógica que desmistificaria as superstições, credices, ou seja, não havia espaço para os impulsos primitivos que igualavam os homens aos animais, ou a selvagens sem conhecimento.

Muitas dessas manifestações bestiais apareciam de diferentes formas na vida do sujeito e causavam uma espécie de quebra do indivíduo civilizado e voltava-o para os impulsos primitivos. É exatamente este conflito que perpassa a novela de (STEVENSON, 2015). Portanto neste conflituoso embate entre essas duas naturezas surge a possibilidade do duplo, de uma vida dupla como escape do final do século XIX (GROOM, 2012).

Esse cenário real pode ser comparado à cidade fictícia de Gotham City, cidade que traz essa alusão ao gótico¹² (*Goth*), como espaço sombrio, escuro e atemporal. O que chama também a nossa atenção nessa cidade é a pobreza, criminalidade e a corrupção da polícia. A lei é dominada pelos traficantes e vários vilões aparecem para se aproveitar desta situação para governar essa cidade em meio ao caos e obter benefícios próprios.

Mesmo durante o dia Gotham é retratada como um cenário parado no tempo que oscila entre o pôr-do-sol e a noite. A arquitetura dos edifícios dessa cidade seja nas HQs, séries animadas ou nos filmes, possui uma mistura entre o gótico antigo, o gótico moderno e um toque leve futurista, mas nunca deixando de lado as semelhanças entre ela e Manhattan.

Para que possamos perceber mais referências da HQ a novela, vamos mergulhar nas características da intertextualidade do duplo presente dos dois personagens da novela, o Doutor

¹² Gótico é o adjetivo utilizado para o que é relativo, criado ou usado pelos Godos, o povo germânico. Aqui o sentido empregado remete as edificações de Gotham City que possuem características ambientais e sombrias “Góticas” iguais a Londres do século XIX e ao mesmo tempo modernas.

Jekyll e Mr. Hyde. Na novela de (STEVENSON, 2015) podemos encontrar as características de Jekyll “O Dr. Jekyll [...]. Um homem corpulento, bem-apessoado, na casa dos 50, com um ar astuto, talvez, mas com todos os traços de uma pessoa bondosa e competente [...]” (STEVENSON, 2015, p.62). Ou seja na perspectiva do médico e o monstro, o Doutor era o médico, aquele que curava, sarava o povo de suas enfermidades e ajudava de forma beneficente a sociedade, “Henry Jekyll, doutor em medicina, doutor em direito, médico emérito, membro da Royal Society etc.,” (STEVENSON, 2015, p.37) sendo a representação da bondade, do bem, além de sua imagem moral e correta diante da sociedade.

O doutor que era a luz, a representação do oposto da maldade e Hyde seria para Utterson a má influência para o doutor, e que Jekyll teria uma nova vida com o desaparecimento de Hyde “[...] desaparecimento de Mr. Hyde. Agora que essa influência maligna saíra de cena, uma nova vida começava para o Dr. Jekyll (STEVENSON, 2015, p.98). Vale salientar que os trabalhos realizados pelo Dr. Jekyll são de dia, mas à medida que ele vai se envolvendo na fórmula para liberar a sua outra forma ou personalidade reprimida, as atividades são realizadas a noite. Dr. Jekyll como médico possui uma boa reputação e é extremamente rico diante da profissão de médico que exercia, ou seja, seu dinheiro vinha de ações que beneficiava a sociedade e estabelecia relações entre a sua imagem, bondade, delicadeza, moral, mas para pervertê-lo é necessário que ele esteja impuro, condição exigida para mesclar a fórmula para surgir a sua outra metade, o Mr. Hyde. Diante desta figura misteriosa e indescritível observamos também sua descrição na novela:

-Ele não é fácil de descrever. Há algo estranho em suas feições; algo desagradável, absolutamente detestável. Nunca vi um homem que eu desgostasse tanto, e nem sei dizer por quê. Parece ter algum tipo de deformação. Ele passa uma forte sensação de possuir alguma malformação, embora eu não seja capaz de especificá-la. É um homem de aparência impressionante, e não consigo dizer exatamente o que foge do normal. Não, senhor; não sou capaz; não consigo descrevê-lo (STEVENSON,2015, p.33).

Hyde, um ser deformado e com uma espécie de vigor interno, representa o lado reprimido de Jekyll. Para Aristóteles uma pessoa “deformada”, “desfigurada”, ou “malformada” poderia ser um indicativo de monstro (JEHA, 2007, p.21). Portanto, na perspectiva do duplo do “*Médico e o*

Monstro”, ele é o “*monstro*¹³”, mas como e porque defini-lo de tal forma? No século XIX, Hyde é um monstro por ele ser um assassino sádico e animalesco¹⁴, quebrando os paradigmas morais daquela época e carregando em si a imagem de monstro. Nesse contexto, o trecho seguinte da novela apresenta um dos momentos no qual esse personagem descreve brevemente suas emoções ao assassinar uma pessoa “Tomado pelo prazer, espanquei o corpo que não oferecia resistência, sentindo um deleite a cada novo golpe; foi apenas quando o cansaço começou a me vencer que, de repente, no auge do delírio, meu coração foi atingido por uma onda gélida de terror” (STEVENSON, 2015, p.201-202).

Sem controlar seus impulsos, Hyde traz à tona a imagem bárbara do homem e expõe seus desejos mais profundos, resultando na morte e destruição de quem se opunha às suas vontades. Desta forma ele pode ser representando como o mal, enquanto o Dr. Jekyll seria totalmente seu oposto. Outra característica desta nomeação de monstro que apontamos aqui é que nas ruas obscuras de Londres, onde marginais se esgueiravam, Hyde sai à noite à procura de vingança, prazeres, morte e sangue.

Hoje vemos que essa dualidade, característica dos românticos ingleses, faz-se presente em filmes de terror, livros, HQ, séries, que abordam mais profundamente esta dualidade da representação do dia como a realização das atividades humanas consideravelmente positivas e a noite como o descontrole, loucura, desinibição, transformação, subversão, sendo assim a imagem de Hyde uma figura simbólica e icônica para representação do monstro interior do ser humano que surge de noite. Diferente das criaturas fantasmagóricas e monstros anteriores, este ser demoníaco estava dentro do ser humano, ou seja, a representação externa do duplo é também interna ao homem.

O duplo em ambos os personagens da novela Dr. Jekyll e Mr. Hyde é caracterizado pelo antagonismo que possuem onde é possível claramente perceber que mesmo sendo uma pessoa, há duas identidades, dois personagens sendo Jekyll o protagonista e Hyde o antagonista, desaparecendo um, surge o outro. E esta relação simbiótica, é protegida por Jekyll:

¹³ O mal é representado por diversas metáforas: “o crime, o pecado, a monstrosidade (ou o monstro)” (JEHA, 2007, p.19). O mundo possui regras, limites, e uma espécie de ordem cultural, o monstro é algo que infringe esses limites culturais (JEHA, 2007).

¹⁴ Animesco é alguma coisa que participa, ou possui qualidade dos animais, algumas palavras como desumano, grosseiro, brutal, bestial compartilham o sentido desta palavra.

-Descobri algumas coisas sobre o jovem Hyde. O rosto bonito e arredondado do Dr. Jekyll empalideceu, e até seus lábios perderam a cor, e o olhar foi encoberto por nuvens escuras.

-Estou farto desse assunto- disse ele-Achei que já tínhamos decidido não tocar mais neste tema (STEVENSON, 2015, p. 64).

Percebemos, na citação acima, outro Jekyll que, de uma certa forma, parece comungar com as práticas de Hyde e ao mesmo tempo protegê-lo. Assim, é fundamental analisar que este outro cada dia mais vai tomando conta da vida do Dr. Jekyll. Esta proteção e afinidade com seu duplo resulta em um total descontrole. Assim, como uma balança, Jekyll representa um lado e Hyde o outro, enquanto um é reprimido, o outro é posto em evidência; assim, protegendo o seu duplo, Jekyll perde o controle e percebe que sua outra metade começa a se opor e tomar o controle:

[...] daquele dia em diante, parecia-me que, somente com um grande esforço, como se fizesse exercícios, e somente sob o efeito imediato da poção, eu conseguia me manter no corpo e com a personalidade de Jekyll. A qualquer hora do dia ou da noite, eu poderia ser surpreendido pelo tremor premonitório; especialmente quando dormia, ou até mesmo se cochilava por um momento em minha cadeira, era sempre na forma de Hyde que eu despertava (STEVENSON, 2015, p.215).

No decorrer da trama, o personagem de Jekyll muda drasticamente. Sua visão, seus costumes e valores começam a mudar a ponto de concordar e querer retomar a vida que Hyde lhe proporcionou, ou seja, a medida que a história vai sendo contada a imagem de Jekyll vai se transformando em Hyde:

Em algumas ocasiões, ainda estava disposto a ter momentos de felicidade; e, como meus prazeres eram (para dizer o mínimo) indignos, e eu era altamente respeitado, além de bastante conhecido, mas caminhava em direção à velhice, essa incoerência de minha vida se tornava cada dia mais inconveniente. Foi diante disso que meu novo poder me tentou, até que me tornei escravo dele. Minha única opção era beber a poção, eliminar de uma vez o corpo do professor notável e assumir, como um manto espesso, o de Edward Hyde. (STEVENSON: 2015, p. 185-186).

Esta relação de duplo acaba, em uma tragédia, quando o lado que foi mais posto em evidência é aquele que prevalece. Apesar de que, até o final da novela, Jekyll busca vencer o seu antagonista em um ato suicida e fatal, utilizando o temor mais profundo de um ser duplo: a aniquilação do outro; levando Hyde junto consigo para a sepultura; findando a luta entre o seu “bem” e o seu “mal”.

Analisando agora Batman, esse se tornou um símbolo e despertou a ideia de um novo signo moderno, o próprio símbolo do morcego em seu peito, sua imagem, sua representação, criam todo um contexto imaginário para o leitor da HQ. Ao olhar para o morcego que se encontra em seu peito vemos que foi criado o símbolo para o Batman através da imagem do morcego, que não representará o animal e sim o herói, ou seja “foi criado um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido” (PEIRCE, 1990, p.46).

Diferente dos heróis convencionais, Batman se utiliza das trevas para se movimentar e através dela sai à noite para combater o crime. A ambientação obscura de Gotham lhe permite unir-se as trevas e ser conhecido como o cavaleiro das trevas. Em termos gerais, podemos definir Batman como um personagem dos quadrinhos da DC Comics¹⁵, criado por Bob Kane e Bill Finger na década (1939). Batman, (ou Bruce Wayne) é um bilionário que decide fazer justiça com as próprias mãos devido ao assassinato dos seus pais, utilizando um disfarce que é uma espécie de roupa homem e morcego simultaneamente.

Assim, ele luta contra o crime em Gotham City e contra os vilões, e possui em si uma força associada as ideias de justiça, vingança, medo, sendo encarado como um símbolo cheio de “associação de ideias gerais que opera no sentido de levar o símbolo a ser interpretado como se referindo àquele objeto” (PEIRCE, 1975, p.102), pois esses ideais, conceitos de justiça estarão associadas a esse “objeto” ou seja ao herói, até mesmo, outras simbologias como um símbolo gótico.

Na edição da HQ que estamos analisando por Paul Jenkins e Jae Lee (2005), podemos perceber o ambiente sombrio e obscuro remetendo aos filmes de Tim Burton,¹⁶ além dos toques alaranjados e vermelhos de sangue, da união de Batman com as sombras, da representação de Gotham City, que mesmo de dia é representada com tons sombrios e esverdeados, além do uniforme do Batman, que lembra o da HQ “Dark Knight” de Frank Miller.¹⁷

Na HQ “Batman – origens, *ano um*”¹⁸, temos então acesso à história de um garoto que assistiu ao assassinato dos pais e que, a partir desse momento, faz dois votos: o primeiro é de

¹⁵ A DC comics é uma editora norte-americana de quadrinhos e mídias sendo uma das maiores companhias do mundo neste ramo de mídias e quadrinhos.

¹⁶ Timothy “Tim” Willian Burton é um diretor, artista, escritor norte Americano conhecido por seus filmes que acompanham o gênero: fantasia, dark, gótico que caracterizam seus trabalhos.

¹⁷ Frank Miller desenhista e escritor da indústria em quadrinhos, revolucionou o cenário das HQs ao trazer a origem de Batman.

¹⁸ Esta é uma HQ que nos mostra a origem do Batman, assim como o fatal assassinato dos seus pais, a tentativa de combate ao crime, o surgimento do homem morcego, explorando assim suas origens.

lutar contra o crime e o segundo é de nunca utilizar uma arma pois esta foi o mesmo instrumento que matou seus pais. O morcego que entra pela janela e que de uma certa forma lhe causa pavor torna-se o símbolo para expressar sua sede pela justiça e a imagem ideal para revelar sua identidade oculta: a do homem morcego, ou seja o trauma, a dor e a perda tornam-se catalizadores para o surgimento de um ser que busca vingança com as próprias mãos. Esse estado revela um inconformismo diante da situação que ele enfrentou, da criminalidade e dos conceitos de leis e justiça.

Então podemos perceber que ele incorpora a justiça e move-se a noite. Esses fatores são semelhantes ao personagem Edward Hyde que também “trabalha” durante a noite em Londres, dos nevoeiros e mantém sigilo dos seus atos e da sua outra identidade. Hyde também exerce a justiça com as próprias mãos e representa uma espécie de disfarce que esconde a face do Dr. Jekyll assim como Batman esconde Bruce Wayne.

Eles são a representação do que existe no interior que lhes foi reprimido e que não poderia ser apresentado de forma social. Desse modo, seria necessário uma outra pessoa, um disfarce de um “outro” para que estas ações fossem concretizadas. Outro fator importante de semelhança está em Hyde devorar a personalidade do Dr. Jekyll a ponto de tomar o lugar da sua vida, fazendo que ele se torne cada vez mais antissocial e recluso da sociedade, dedicando sua vida a concretizar os planos de seu duplo.

Batman primeiramente inicia uma espécie de reclusão necessitando de uma caverna para suas atividades, para a fuga e refúgio pois ele não pode aparecer em sociedade. Após isso, esse duplo também devora a personalidade de Bruce Wayne, impossibilitando ele de estabelecer relacionamentos amorosos, modificando seus horários de sono, baseando todas as suas ações no Batman. Diferente do Batman, Edward Hyde não se originou de uma espécie de trauma, mas sim de um desejo de inconformismo diante da maldade existente no ser humano, desta dualidade e da tentativa de separar as duas partes, vivendo assim verdadeiramente cada uma delas.

Batman é inconformado com a violência, a criminalidade e com a maldade do ser humano e deseja a qualquer custo aplicar justiça aos malfeitores, porém ele teria que possuir outra identidade que esconderia de dia sua parte morcego. Neste momento a figura do benfeitor, filantropo e aristocrata Bruce Wayne exerce esse fator de máscara, de ator que camufla os instintos de um garoto em busca de vingança, de duplo, ou seja, Bruce Wayne nada mais é do

que um traje, que contrasta com o Batman, assim como Jekyll contrasta com Mr. Hyde. Apresentaremos alguns outros pontos em comum entre esses dois personagens:

- Dr. Jekyll trabalha como médico curando vidas, Hyde é um Assassino.
- Bruce Wayne trabalha nas empresas Wayne resolvendo os assuntos burocraticamente e através de diálogos; Batman é um fora da lei, que resolve as coisas na luta.
- Dr. Jekyll dedica seus esforços para proteger Hyde na mansão, e protege com sua troca de identidades através da porção. Hyde busca constantemente tomar a personalidade total do Doutor assumindo o controle da vida dele.
- A imagem de Bruce Wayne como rico e bem sucedido contrasta com a imagem do Batman e a fim de esconder essa personalidade, esconde-o em uma caverna, em um traje, que nada mais é do que uma referência a uma transformação. Então Batman cada vez mais toma conta da personalidade de Bruce Wayne.
- Dr. Jekyll é a imagem civilizada social, que interage com a sociedade, a beneficia e é aceita por ela, Hyde, por outro lado, é o monstro que causa espanto e aterroriza com seus atos e aparência.
- Bruce Wayne é a imagem também civilizada que a sociedade aceita e com ela interage e a beneficia, Batman não é aceito pela sociedade, se esconde nas sombras e é uma espécie de monstro que aterroriza os ladrões pelos seus atos e aparência.

As semelhanças entre o médico (Dr. Jekyll) e o monstro (Mr. Hyde) e Batman e Bruce Wayne são claras. Porém, o herói dos quadrinhos possui algumas singularidades que convergem com o personagem literário que estamos analisando. Primeiramente, ele é chamado de cruzado encapuzado, em uma espécie de cruzada sem fim para purificar sua cidade e estabelecer justiça. Batman assim difere de Hyde, um assassino e imoral. Segundo, ele é considerado um detetive, capaz de resolver casos através da lógica, dedução e perícia além de sempre se preocupar em desaparecer sem deixar rastros. Hyde por sua vez não é detetive e com o desenrolar da novela, deixa pistas que o denunciam. Terceiro, Batman é um justiceiro com um código de honra, Hyde não possui código algum.

Batman é um vigilante noturno que está atento e observa Gotham City a fim de protegê-la, Hyde apenas aprecia os prazeres de Londres e não vigia nem protege a cidade e seus habitantes. Sendo representado como o duplo e a representação de uma espécie de

companheirismo, Bruce Wayne pode ser descrito como uma parte vergonhosa para Batman, como aponta Mello (2000): “A imagem do desdobramento [...] que representa através de um companheiro do herói que encarna sua outra face, pode ser a mais autêntica, a mais espontânea ou até a mais vergonhosa” (p.117).

Assim também como um bilionário, Bruce Wayne possui à sua disposição carros, arsenais de armas e qualquer dispositivo que o permita transformar-se em um super-herói. Ele também vive gastando seu dinheiro em festas e eventos da cidade, o que para Batman seria vergonhoso, principalmente por ele sempre estar demonstrando que possui uma falsa autoconfiança, senso de irresponsabilidade e imaturidade. Na HQ (2005) analisada Bruce aparece então em um hospital no qual é bem feito, para segundo ele “conseguir alguma droga” que agite as pessoas na festa que ele dará na mansão. Desatento, despreocupado e desinteressado nas atividades que são realizadas na área da genética naquele hospital, ele mostra claramente a imagem de Hyde.

Assim, Batman é uma espécie “de sonho do duplo” em equilibrar as duas naturezas. Na HQ que estamos analisando, essa ideia do duplo é perfeitamente expressa através das experiências realizadas de produzir um soro capaz libertar o ser animal, que há dentro de todos nós. O personagem Duas Caras se encontra confinado, conversando com seu outro lado que convive com ele constantemente e parece estar por trás das mortes que acontecem no início da narrativa na HQ. Ainda, é nessa HQ que se inicia a história sobre um soro produzido no laboratório de um hospital que pode causar a separação dos lados primitivos e civilizados do ser humano, podendo até curar medos e provocar também posteriormente a desinibição e a loucura dos indivíduos.

Esses compostos químicas produzidas no laboratório são relacionadas ao assassinato que aconteceu no início da HQ pelo pai de família que não tinha motivos para matar, e também vemos que o personagem Duas Caras também estava envolvido com o assassinato quando diz na HQ “ouvi falar papai comeu a mamãe? Será que era boa? Ou a carne era dura?” (JENKINS E LEE, 2005, p.20) dando uma ideia de que ou ele é o responsável, ou sabe de alguma coisa sobre isso, antes dele pronunciar essas palavras o seu lado bom Harvey Dent diz o seguinte “por favor... não preste atenção nele. Ele me prometeu que não te deixaria nervoso...” (JENKINS E LEE, 2005, p.20).

Esse lado “bom” e maligno demonstrado pelo convívio conflituoso, do duplo dentro de si, que faz parte dos dois lados de seu rosto, são guiados pelo lançar de uma moeda que simboliza os impulsos da sua natureza dupla. Devemos perceber também que o alvo deste personagem não é apenas as pessoas inocentes, mas o próprio Batman que possui o controle de suas duas naturezas, sendo uma ameaça para Duas caras que busca não o controle e sim a permanência de seu lado maligno.

5 ENTRE A HQ E A NOVELA

Antes de tudo precisamos entender que esta HQ é uma reinterpretação da novela *O médico e o Monstro*, assim “[...] o processo de adaptação não envolve apenas ‘apropriação de sentido, ou de significado anterior’, mas acima de tudo, uma interpretação, ou reinterpretação de sentido, e conseqüentemente, modificação do mesmo.” (MCCLLOUD, 1995, p.40). Na imagem da capa da HQ volume No 1 de Paul Jenkins e Jae Lee (2005), podemos ver essa modificação:

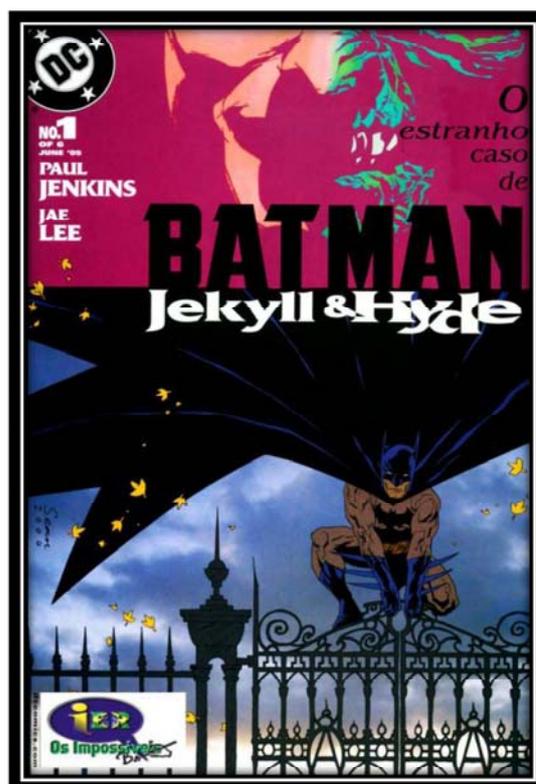


Figura 2: O estranho caso de Batman Jekyll & Hyde de Jenkins e Lee (2015) volume No 1. (Fonte: captura de tela)

Quando olhamos para a imagem acima, uma das principais características visuais é o duplo. A imagem do Batman ocupa a maior parte da capa do HQ e há ainda uma inversão de valores semióticos: na imagem da capa do Batman, aparece os nomes Jekyll e Hyde, enquanto na parte acima desse personagem, aparece uma imagem representada como sombras em tons verdes e rosa-escuro. A cor verde presente na face de Duas Caras perpassa entre os quadrados da HQ; ela que representa nos cenários de quadrinhos a cor do instinto, do animal, do homem primitivo, da irracionalidade humana, da loucura.

Podemos ainda observar que Batman está em cima de um portão que possui duas vogais iguais mas separadas: A e A, em uma dedução lógica poderíamos dizer que estas vogais referem-se ao nome BAT+MAN, e ambas estão separadas mas fazem parte do mesmo portão. Porém esta capa abre interpretações também para outro significado em que outra palavra que possui duas vogais iguais no nome seria o ASILO ARKHAM, onde temos o A no início da primeira palavra e o outro A na segunda palavra, assim temos A+ A. Nas adaptações e nos quadrinhos do Batman os portões desse lugar o (ASILO ARKHAM) possuem essas duas vogais separadas.

Apesar de que nesta HQ analisada de Jenkins e Lee (2005) volume 1 (um) não vemos claramente uma referência a este lugar; vemos que Duas Caras está preso em um hospital psiquiátrico, então podemos imaginar essas duas possíveis interpretações. Segundo Chandler (2007), o ser humano escolhe como irá interpretar esses signos. Podemos então, perceber essa interpretação através dos personagens: Batman e Duas Caras, que estão relacionadas ao duplo. De toda forma todo esse contexto de símbolos, em que o Batman está inserido, é rico em significações que servem como mediadores para interpretar e representar todo um mundo imaginário (PERASSI, 2008a).

Esses dois nomes Jekyll e Hyde na HQ pertencem aos personagens principais da novela analisada inclusive, esses nomes foram escritos da mesma forma que o livro “O Dr. Jekyll [...]. Um homem corpulento, bem-apegoado, na casa dos 50, com um ar astuto, talvez, mas com todos os traços de uma pessoa bondosa e competente [...]” (STEVENSON, 2015, p.62) enquanto Hyde “[...] Parece ter algum tipo de deformação. Ele passa uma forte sensação de possuir alguma malformação, embora eu não seja capaz de especificá-la.” (STEVENSON, 2015, p.33).



Figura 3: O estranho caso de Batman Jekyll & Hyde de Jenkins e Lee (2015) volume 1. A direita Pg 2 e a esquerda pg 13 (Fonte: captura de tela)

Nesta figura 3 do lado esquerdo, vemos um assassinato pelas colorações vermelhas ensanguentadas na parede, além do realismo nos detalhes do sangue das vítimas, mostrando a brutalidade dos assassinatos, que, traz um pouco uma relação aos crimes da novela cometidos por Mr. Hyde. Ao lado direito percebemos Gotham como uma cidade que traz um tom sujo, poluído, fazendo assim referência a Londres do século XIX, cenário também de *O Médico e o Monstro*.

Outro fator importante na imagem à direita é ver em Gotham City um relógio parecido com o *Big Ben* de Londres¹⁹, sendo assim, uma espécie de referência para o espaço narrativo tratado na HQ. Nas primeiras páginas desta história em quadrinhos, este crime que ocorreu, foi praticado por um pai de família que não teria nenhum motivo para realizá-lo. Da mesma forma, a novela nos apresenta um crime inicialmente e em seguida outro crime realizado depois de um ano:

Quase um ano depois, no mês de outubro de 18 -, Londres foi surpreendida por um crime de singular brutalidade [...] Hyde perdeu as estribeiras por completo, agredindo-o e jogando-o no chão. Logo depois, com uma fúria selvagem, pisou na vítima e lhe deu uma surra; a cada novo golpe era possível ouvir os ossos se quebrando, e o corpo se estrebuchava em plena via (STEVENSON, 2015.p. 68,71).

Além dessa característica criminal que liga Gotham City à Londres, vemos a referência na tarja preta acima do primeiro quadrinho (figura 3), desenhada como um pergaminho indicando algo antigo e anterior ao texto da HQ: “...um homem não é verdadeiramente um mais realmente dois - R.L. Stevenson, *O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde*” (JENKINS E LEE, 2005, p. 2) dialogando assim com a obra unindo o ato de um pai de família ao duplo, ao seu “Hyde”.

Na imagem à direita vemos Bruce Wayne, ao telefone, que nos revela um pouco a noção do duplo entre o Batman e a sua vida como cidadão de Gotham. Isso nos mostra que, mesmo como Bruce Wayne, ele ainda vive plenamente ligado ao Batman ao pedir que seu mordomo Alfred analisasse os remédios que estavam na cena do crime no início da HQ naquele assassinato, assim percebemos que Batman e Bruce não se desvinculam totalmente, principalmente porque Bruce tem uma espécie de fascínio pelo seu duplo assim “[...] o duplo é ao mesmo tempo idêntico ao original e diferente-mesmo o oposto-dele. É sempre uma figura fascinante para aquele que ele duplica, em virtude do paradoxo que representa [...]” (BRAVO, 1998, p.263).

Podemos ver também que o gótico se faz presente através da atmosfera obscura na imagem em que mostra-se uma parte da mansão Wayne, aonde Alfred analisa as amostras da droga. Nessa imagem podemos ver um tom escuro azulado que remete à escuridão, além de tanto

¹⁹ O Big Ben é conhecido como o relógio das Casas do Parlamento e se tornou uma das imagens mais famosas de Londres.

Bruce quando Jekyll serem milionários isso nos lembra a casa de Henry Jekyll na novela e sua condição social:

[...] diversas crianças maltrapilhas amontoadas nas portas e muitas mulheres de diferentes nacionalidades caminhando sem rumo, com chaves na mão, para beber a primeira dose do dia, e, no momento seguinte, a névoa desceu novamente sobre a região, colorindo o ar com um tom amarronzado e preservando-o do entorno nauseante. Esta era a casa do favorito de Henry Jekyll; de um homem indicado para ser o herdeiro de um quarto de milhão de libras esterlinas (STEVENSON, 2015, p.76-77).

Percebemos também a cor do quadrinho em que aparece o céu amarelado, um pouco enevoado, dando uma atmosfera sombria ao espaço, assim como em “O Médico e o Monstro” também retrata um cenário semelhante: “Mas a mão que eu via agora, claramente, à luz amarela de uma tenra manhã de Londres [...]” (STEVENSON, 2015, p.192).

Ainda na figura 3 do lado direito vemos uma espécie de droga sendo investigada. Na HQ, esse antídoto irá revelar o lado obscuro do ser humano, como ocorre também na narrativa literária nos trechos a seguir: “[...] fui capaz de formular uma droga através da qual essas forças podem ser destronadas de sua supremacia e substituídas por uma segunda forma e fisionomia (...)” (STEVENSON, 2015 p.177) pois “a droga não fazia discernimento; não era diabólica ou divina; mas abalou as portas da prisão de minha disposição; e como os cativos de Filipos, a essência guardada em meu interior ganhou liberdade.” (STEVENSON, 2015, p. 184), da mesma maneira até o aposento de Henry Jekyll possui elementos químicos: “[...] seria possível dizer que era o cômodo mais silencioso de todos; não fosse pelos grandes armários químicos com portas de vidro, cheios de produtos químicos, aquela seria a noite mais trivial de Londres” (STEVENSON, 2015, p.139-140). Assim, a questão química está claramente presente em ambas narrativas.

Na imagem a seguir vemos o personagem Duas Caras, preso como um louco em uma espécie de manicômio. O personagem Harvey Dent aqui nesta HQ sofre um acidente e perde parcialmente camadas do seu rosto, que acaba deformado. Tal acontecimento poderá estar ligado à uma explosão química, ou a um ácido jogado em seu rosto.

Porém nesta HQ em específico, temos sua origem através de um ataque de ácido, que afeta metade do seu rosto e o deixa com uma deformidade facial de cor esverdeada. Além disso, este evento divide sua personalidade em duas metades, duas identidades, o bom e o mau, o aparentemente são e o louco. Harvey Dent se encontra em um hospital psiquiátrico envolto em

uma camisa de força e na HQ, podemos ver até seu laudo: “diagnóstico secundário de desordem limítrofe e esquizofrenia paranoica com tendências suicidas” (JEKINS e LEE, 2005, p. 5). Esta segunda personalidade comunica-se com o primeira o Harvey e o reprime a todo instante dizendo que ele é fraco, pregando assim a superioridade da segunda, a parte louca e má, sobre a primeira, civilizada e sã. Desta maneira, evidenciamos na HQ outra relação intertextual entre Harvey Dent e Jekyll e Hyde. Harvey Dent e o lado ainda parcialmente são e humano.

Esta representação de um lado civilizado remete-nos também ao Dr. Jekyll, aceito na sociedade com uma vida “normal”. O outro lado psicopata, assassino e louco que busca possuir toda a personalidade real de Harvey Dent estava escondido até o acidente do ácido e acaba “remetendo a porção verde (STEVENSON, 2015, p. 165) que Jekyll faz para libertar Hyde. Contudo, a diferença significativa é que Harvey Dent possui este duplo acontecendo ao mesmo tempo. Diferente de Jekyll e Hyde que o alternam, Dent convive com esse conflito simultaneamente, sendo que um dos lados acaba na maioria das vezes prevalecendo sobre o outro, demonstrando que Harvey Dent é mais Hyde do que Jekyll. Assim ele é o médico e o monstro ao mesmo tempo com a prevalência do monstro e o auxílio do acaso para a tomada de decisões, ou seja, da sorte do lançar das moedas. Duas Caras é o vilão da HQ e preso à uma camisa de força mostra que ele possui o seu rosto dividido ao meio pelo ácido, que duplica sua personalidade. Mas nas imagens a baixo, temos acesso ao seu passado, quando ele possuía outra vida e relembra dela, unindo passado e memória.



Figura 4: O estranho caso de Batman Jekyll & Hyde de Jenkins e Lee (2015) volume 1. A direita Pg 5 e e a esquerda pg 11 (Fonte: captura de tela)

Nesta figura 4 do lado direito vemos essa vida dupla de um pai de família bondoso Harvey Dent que se converteria em um psicopata que se utiliza de uma moeda para decidir, na sorte, o destino de suas vítimas, é um semelhança entre Dr. Jekyll e Mr. Hyde, até mesmo fisicamente falando, assim Jekyll representa Harvey Dent.

Quando olhamos para Hyde percebemos que ele é a outra personalidade que há em Duas Caras nesta imagem do lado esquerdo. O **dois** para CHEVALIER E GHEERBRANT (2012, p.346) grifo nosso, implica em um “símbolo de oposição, de conflito, de reflexão, esse número indica o equilíbrio realizado ou ameaças latentes” exatamente como acontece com ele e Hyde; até mesmo na aparência sombria de ambos como podemos ver na HQ e na novela Hyde “Parece ter algum tipo de deformação. Ele passa uma forte sensação de possuir alguma malformação, embora eu não seja capaz de especificá-la” (STEVENSON, 2015, p.33).

Ainda no lado esquerdo desta figura 4, um detalhe peculiar também é observado que é a presença da cor verde em um dos lados do personagem Duas Caras, que representa o seu lado oculto e escondido. Na novela o verde é a cor da poção que traz Hyde à vida: “De repente, a ebulição cessou e o composto mudou de cor novamente, para um roxo-escuro, que se desvaneceu mais lentamente para um verde pálido” (STEVENSON, 2015, p.165).

Por fim, Batman assume a posição de Jekyll que luta contra o crime e busca justiça com as próprias mãos e tendo características de Hyde, possui também duas vidas. Bruce Wayne é rico assim como Jekyll, mas seu duplo, o Batman é uma espécie de vigilante noturno que realiza seus atos fora da lei e que faz justiça com as próprias mãos.



Figura 5: O estranho caso de Batman Jekyll & Hyde de Jenkins e Lee (2015) volume 1. A direita Pg 23 e a esquerda pg 13 (Fonte: captura de tela)

Nesta figura 5 vemos do lado esquerdo, no primeiro quadrinho que fisicamente Bruce Wayne através da máscara do Batman esconde seu rosto assim como Hyde esconde o dele através da deformidade da poção. Dessa forma, o duplo é confirmado a partir das duas natureza do personagem da novela vitoriana: “Minhas duas naturezas tinham a mesma memória, porém toas as outras faculdades eram compartilhadas em proporções desiguais” (STEVENSON, 2015, p.197). Aqui vemos que da mesma forma que existe a natureza infantil, festiva, social e comunicativa de Bruce Wayne, há também a natureza de Batman, obscura, autoritária, acima da lei, justiceiro e antissocial que vive pelas trevas de Gotham City escondendo seu outro eu.

Batman utiliza-se de Bruce Wayne para esconder-se, e Bruce prontamente gosta de cada aventura vivida pelo Batman. Já,

Jekyll (que era um complexo) ora com suas apreensões mais sensíveis, ora com um excesso de entusiasmo, projetava e compartilhava os prazeres e as aventuras de Hyde; mas Hyde era indiferente a Jekyll; quando muito, lembrava-se dele como o bandoleiro da montanha se lembra da caverna onde se esconde da perseguição (STEVENSON, 2015, p.197).

Sem Batman, Bruce Wayne não poderia existir, sem Bruce Wayne, Batman também não existira em Gotham City. Um completa o outro e de fato eles não poderiam estar completamente unidos apenas à uma pessoa. Batman precisa esconder-se na riqueza e prestígio social que Bruce Wayne tem para despistar a sociedade de descobrir quem Batman realmente é, e ter recursos financeiros de Bruce para suas aventuras. Outra relação entre os dois é que Bruce precisava de Batman para lidar com a morte de seus pais.

Esse conflito duplo e mútuo acontece também na novela de Robert L. Stevenson: “Estabelecer-me para sempre como Jekyll seria morrer para os apetites que havia tanto eu fora indulgente em segredo e que nos últimos tempos começara a apreciar. [...] como Hyde, [...] desprezado e sem amigos” (STEVENSON, 2015, p.197). Assim, o duplo se encerra tanto na novela quanto na HQ expressando que a única forma de se separar do duplo é a morte, pois um é essencialmente uma parte do outro, por isso que na HQ o último quadrinho mostra Duas Caras explodindo a sala em que ele e Batman estão.

6 CONCLUSÃO

Pela literatura comparada, percebemos os entrelaces do diálogo entre obras literárias e histórias em quadrinhos. Através da novela “*O Médico e o Monstro*”, vemos algumas concepções do duplo como esse conceito psicanalítico pôde ser expresso nos personagens Dr. Jekyll e Mr. Hyde, Batman e Duas Caras. O duplo anseia pelo desejo da morte que perpassa gerações e invade a consciência humana, despertando um anseio pela fuga, por um outro, por uma segunda identidade que retarde, escape esconda a outra metade do ser, e por fim revele o seu ser animal.

Através deste trabalho percebemos a importância do duplo que está presente não só na literatura mas também nos quadrinhos. O duplo na novela de Stevenson nos personagens Jekyll e Hyde, trouxe para nós questões referentes a luta entre: o bem e o mal, luz e trevas, e ainda mais antagonismos como: o cidadão e criminoso, inocente e culpado, sendo esses contrastes trabalhados em filmes, séries, quadrinhos, demonstrando uma variedade de mídias que expressa essas ideias presentes no médico e o monstro.

Na HQ vemos que é importantíssimo o papel do duplo, que define a vida dupla de Batman, a dupla personalidade de Duas Caras, os conceitos entre o bem e o mal e também entre inocente e culpado, cidadão e criminoso porém de uma imensa complexidade onde o duplo faz-se presente em ambos os personagens. Assim acreditamos que o duplo tem um valor inestimável para a obra de Stevenson, para a HQ de Jenkins e Lee e principalmente para o meio acadêmico pois trabalha com uma temática do duplo presente na literatura e nas mídias modernas.

A contribuição deste trabalho para o meio acadêmico será para uma compreensão do duplo na literatura, de como este fenômeno acontece nos quadrinhos, suas influências filosóficas e psicológicas e como ele está presente nos quadrinhos estabelecendo uma visão ampliada de que as HQs têm uma relação estreita com a literatura.

REFERÊNCIAS

- ALTEREGO. **Cambridge Dictionary** online, 13 de Dez.2017. Disponível em: < <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/alter-ego>>. Acesso em 13 de Dezembro de 2017
- ANIMALESCO. Significado de animalesco. Dicio, dicionário Online de Português 17. Mar. 2017. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/animalesco/>> Acesso em 13 de Dezembro. 2017
- AZEVEDO, Tiago: **O que é Id segundo Freud?**. Publicado em 19 de Dezembro de 2015. Disponível em: < <http://psicoativo.com/2015/12/o-que-e-id-segundo-freud.html>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2017.
- BRAVO, Nicole. Duplo. In: BRUNEL, Pierre. **Dicionários de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio & UnB, 1998.
- BRIDI, Natália. O Duplo/crítica Richard Ayoade faz adaptação fiel e criativa do clássico de Dostoiévski. Publicado em 02 de Março de 2015. Disponível em:< <https://omelete.uol.com.br/filmes/criticas/o-duplo/?key=94652> > Acesso em: 13 de dezembro. 2017.
- BORGES, Poliana, Q; REGINO, Sueli, M, O, de. **O duplo em a comédia dos erros e o imaginário elisabetano**. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Unberlândia: EDUFU, 2013.
- CALVINO, Italo. **Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano**. São Paulo: companhia das Letras, 2004.
- CARVALHAL, Tânia Franco (2006). **Literatura comparada**. 4ª ed. Ver. E ampliada. São Paulo: Editora Ática.
- CHANDLER, Daniel. **Semiotics: the basics**. 2 ed. Oxford: Routledge, 2007.
- CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (org). **práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996
- CHEVALIER, Jean; CHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 24. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- CIVITATIS LONDRES. **Big Ben**. Disponível em: <<https://www.tudosobrelondres.com/big-ben>>. Acesso em: 13 de dezembro. 2017.
- DRYDEN, Linda. **The morden gothic and literary doubles**: Stevenson, Wilde, and Wells. New York: Palgrave Macmillian, 2003.

EISNER, Will. **Narrativas gráficas**. São Paulo: Devir, 2005.

_____. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FRAZÃO, Dilva. **Tim Burton Cineasta norte-americano: Biografia de Tim Burton**.

Disponível em: < https://www.ebiografia.com/tim_burton/>. Acesso: 10 de dezembro. 2017

FREUD S. **O ego e o id**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. “O Estranho” (1919). In: _____. **História de uma neurose infantil**. E.S.B., Vol. XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GARCÍA, Flavio; MOTTA, Marcos Alexandre. (Org) **O insólito e seu duplo in: FRANÇA, Júlio; O insólito pacto com o instante**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.

_____ in: LEITE, Sonia; **Silêncio, solidão e escuridão: sobre a travessia da angústia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.

GÓTICO. **Significado de Gótico**, significados. Disponível em: <

<https://www.significados.com.br/gotico/>>. Acesso em 13 de Dezembro de 2017

GROOM, Nick. **The gothic a very short introduction**. Oxford University press. First edition publish 2012

JENKINS, Paul e LEE, Jae. **O estranho caso de Batman e Jekyll e Hyde**. Edição N.01, Editora Os Impossíveis, 2005.

JEHA, Julio. **Monstros e monstruosidades na literatura**. 1ª Edição. Minas Gerais. UFMG, 2007.

JÚLIA, Ana Perrotti,G: **As muitas traduções de Jekyll e Hyde em português**. Caderno Seminal Digital Ano 19, nº19,V.19. Especial 2013. Trabalho aceito em 2015.

KRISTEVA, Júlia, **Introdução à semanálise**. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. 2ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**, tradução: Hércio de Carvalho, Maria do Nascimento Paro. São Paulo, Makron Books: 1995.

MELLO, Ana Maria, Lisboa de. **As faces do duplo na literatura**. In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, **Maria do Carmo. Discurso, memória, identidade**. Porto Alegre: Editoria Sagra Luzzato, 2000.

MONTEIRO, Rodrigo. **HQ: Batman: Ano um**. Publicado em 13 de junho de 2005. Disponível em: <<https://omelete.uol.com.br/quadrinhos/artigo/hq-ibatman-ano-umi/>> Acesso em 13 de dezembro. 2017.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, 2ª ed.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: História, teoria e crítica**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, Miguel. **10 trabalhos de Frank Miller que você precisa ler**. Publicado em 21 de Dezembro de 2016. Disponível em: <<http://ovicio.com.br/10-trabalhos-de-frank-miller-que-voce-precisa-ler/>>. Acesso 10 de dezembro. 2017

OMELETE. **DC comic**. Disponível em:< <https://omelete.uol.com.br/dc-comics/>> Acesso 13 de dezembro. 2017.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1990.

_____. **Semiótica e Filosofia**. Trad. E org. de Octanny Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo. 1975.

PERASSI, Richard 2008a. **Semiótica**. Florianópolis: UFSC.

PEREZ, Luana Castro Alves. "**Tipos de intertextualidade**"; Brasil Escola. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/redacao/tipos-intertextualidade.htm>> . Acesso em 23 de agosto. 2017.

PORTAL SÃO FRANCISCO. **Narciso**. Disponível em:<<http://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-geral/narciso>> Acesso em: 13 de Dezembro. 2017

ROSSET, Clément. **O real e seu duplo. Ensaio sobre a ilusão**. Trad. José Thomas Brum. Porto Alegre: L&M PM, 1998. Original: Le réel et son double: essais sur l'illusion. Paris: Gallimard, 1998.

SCOTT, Mc CLOUD G. **Desvendando Os Quadrinhos (understanding comics)** tradução

STALLONI, Yves. **Os gêneros literários**. Trad, Flávia Nascimento, Lisboa: Difel, 2001. In: MOINO, Flávia. **Proposta de análise do gênero de texto novela (nouvelle) a partir da abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo**. Artigo publicado em 25 de Fevereiro de 2011.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro ou O Estranho Caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde**, Tradução de Ana Julia Perrotti-Garcia, 1ª edição. Editora Record Rio de Janeiro - São Paulo, 2015.